

Tempo de **jazz** na Fundação

Divulgação

Trompetista Eduardo Santana recebe convidados no projeto Fundação Jazz

Novidade na Fundação Progresso, o Espaço Verde vai receber todo mês uma noite de jazz com Eduardo Santana e convidados especiais nesta sexta-feira (10) e nos dias 14 de fevereiro e 14 de março. Trompetista, cantor, compositor e produtor musical, o músico é reconhecido na cena carioca por ser o trompete e voz da banda Afrojazz.

Nascido em São Gonçalo, filho de pai trombonista, Eduardo foi inserido na música desde cedo. Estudou trompete na Escola de Música em Brasília e foi Bacharel pela UniRio, no Rio de Janeiro.

No repertório do Fundação



Além de trompetista, Eduardo Santana é cantor, compositor e produtor musical

Jazz, ele traz músicas autorais, que se misturam às suas influências, como Miles Davis, Coltrane, Hancock, Moacir Santos, Tom Jobim, Djavan, Luiz Melodia, Seu

Jorge, O Rappa, Planet Hemp, Tim Maia e Jorge Ben. “Será uma noite de celebração dos pilares da música brasileira e mundial”, diz o artista, que compartilha sua visão

peculiar a respeito do jazz.

“Eu enxergo que o jazz é mais do que um estilo, um conceito de viver e consequentemente de fazer música. O jazz é uma ma-

nifestação africana nas Américas e consequentemente no mundo todo, não só da música mas de toda uma cultura, uma música de resistência, de reivindicação, de lamentos, mas também de celebração e festa”, ele afirma.

Nesta primeira edição, a abertura será com Kalebe, músico, multi instrumentista, realizador audiovisual e produtor cultural em formação pelo Instituto Federal do Rio de Janeiro. Em seu projeto autoral, influenciado pelo soul, jazz e ritmos afro-brasileiros, busca combinar sua experiência como instrumentista, cantor e compositor e define seu som como MPB (Música Preta Brasileira).

SERVIÇO

FUNDAÇÃO JAZZ COM EDUARDO SANTANA E CONVIDADOS

Espaço Verde - Fundação Progresso (Rua dos Arcos, 24 - Lapa) 10/1, 14/2 e 14/3, a partir das 20h (abertura da casa) Ingressos: R\$ 40 e 20 (meia)

CRÍTICA / DISCO / SAMBA E AMOR - JORGE HELDER TOCA CHICO BUARQUE

Samba, amor e competência

Divulgação

Aquiles Rique Reis*

Hoje trataremos de Samba e Amor – Jorge Helder Toca Chico Buarque (Selo SESCSP), álbum do contrabaixista e compositor cearense Jorge Helder, músico radicado no Rio e muito querido pelos colegas. Com oito faixas, o trabalho tem repertório selecionado e arranjado com muito cuidado por ele – afinal, é um tributo ao amigo Chico que recentemente completou 80 anos. Vamos às músicas.

“As Vitrines”: a intro vem com o baixo de Helder e o teclado de Hélio Alves. Logo a música é solada por Helder. Hélio se achega com o piano. Vitor Cabral toca nos pratos da bateria, para logo seguir discreto. Logo vem Chico Pinheiro na guitarra e improvisa com a categoria que a harmonia

buarqueana requer. Helder retoma o solo da melodia e vai...

O cantor Filó Machado inicia “O Que Será”. O piano vem com ele. A bateria pulsa. Numa levada inesperada, por se distanciar da original de Buarque, surge a eletrizante Vanessa Moreno. Show de interpretações! O piano assume o improvisado. O baixo faz a cama. A guitarra traz o proscênio para si. O canto volta trazendo os versos do tutano onde o duo abriga seu frêmito. O couro come.

A seguir, a dupla tem o desafio de cantar “Morro Dois Irmãos”, uma das mais belas de Buarque. Assim, pode se dar ao canto, amparada que está por dois baixos (Helder e Iury Batista), piano, guitarra (esta,



eventualmente, em notas soltas) e bateria. Todos juntos levam o arranjo.

“Brejo da Cruz”: Moreno e Machado cantam em terças e, alternando cantos e contracantos, improvisam no arranjo de Helder. Ao final, fazem vocalises.

“Basta Um Dia”: novamente

Vanessa Moreno tem a incumbência, nada fácil, diga-se, de cantar outra obra-prima de Buarque. A intro abre o caminho para ela – e como canta! Ora, ela percebe a própria voz tendo o dom de dar ainda mais vigor e graça às melodias. O agudo vem preciso, tanto quanto estável é a afinação. Alguns vocalises e ela dá vez a um improvisado do piano. Os vocalises voltam e logo também a melodia. A guitarra improvisa. Que arranjo, meu Deus!

“Ela Desatinou”: bateria e percussão (Rafael Mota) puxam o samba e entregam pra Filó Machado. Ele canta e arrasa! Suas divisões rítmicas ataçam.

“Deus Lhe Pague”: a intro de Helder atrai um caminho rítmico,

co, harmônico e melódico distinto do original da música. A pegada jazzística se impõe. Desde a puxada de seu baixo, com improvisos bem-postos, passando pelas interpretações de piano, guitarra e bateria, todos dão ao tema a intenção primeira do arranjador, ainda que ela difira do padrão. E Helder não faz feio, não; é bom à beça, tá ligado?

“Samba e Amor”: Vanessa Moreno e Filó Machado dão show. A harmonia não é a original e apoquentas as ideias do ouvinte – pior pro ouvinte (no caso, eu).

2024 finda com um CD que, além de admiravelmente sagrar Chico Buarque, traz à luz Jorge Helder e seus virtuosos colegas de ofício. Ouça o álbum em <https://acesse.one/5L5IF>.

*Vocalista do MPB e escritor